

C08

Turismo, patrimónios
e desenvolvimento rural



ESADR
2013

Atas Proceedings

ISBN 978-989-8550-19-4

VÊ MOINHOS? SÃO MOINHOS¹. Análise dos discursos sobre turbinas eólicas em Alvaiázere²

Maria João Nunes (ICS-UL), Ana Delicado (ICS-UL), Elisabete Figueiredo (DCSPT e GOVCOPP; Universidade de Aveiro), Ana Horta (ICS-UL)

Resumo: Em muitas áreas rurais, os elementos tradicionais que marcam e diferenciam as paisagens convivem hoje com a presença cada vez menos discreta das turbinas eólicas. Encarando a paisagem como uma activação patrimonial, que impacto terão as turbinas eólicas na cultura e identidade local? Tendo por base um estudo de caso em Alvaiázere, onde a instalação do parque eólico levantou polémicas relacionadas, sobretudo, com a inscrição da Serra de Alvaiázere no Sítio da Rede Natura 2000, foram observadas as transformações sofridas após a implementação do parque. Partindo da divergência de interesses e de discursos entre poder local, empresas, ambientalistas e residentes pretende-se concluir acerca da visão que os diferentes atores têm sobre o parque e as turbinas eólicas. Quais os benefícios para o município e munícipes? E que impactos negativos se fizeram sentir? Assim, na análise dos dados pretende-se caracterizar as representações veiculadas relativamente à percepção social das transformações a nível local acarretadas pela instalação do parque eólico em Alvaiázere. Como sustentação empírica utilizamos a análise documental do relatório de consulta pública do parque eólico, a legislação em vigor relativa a parques eólicos, assim como todas as notícias avançadas pelos media antes, durante e depois do processo de instalação e entrevistas semiestruturadas aos atores envolvidos.

Palavras-chave: espaço rural; poder local; desenvolvimento local; identidade; energia eólica

1) Introdução e Enquadramento

A implementação de parques eólicos em Portugal, mas também um pouco por todo o mundo, não está isenta de polémica nem de controvérsia pese embora seja considerada

¹ Frase do poema *Impressão digital*, de António Gedeão

² Esta apresentação tem por base um projecto de investigação financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, executado por uma equipa multidisciplinar, em curso no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, em parceria com a Universidade de Aveiro e com o Centro de Investigação em Rede em Antropologia e intitulado “Consensos e controvérsias sociotécnicas sobre energias renováveis”. (PTDC/CS-ECS/118877/2010), www.renergy.ics.ul.pt.



por muitos como uma mais valia em termos ambientais, energéticos e também económicos.³

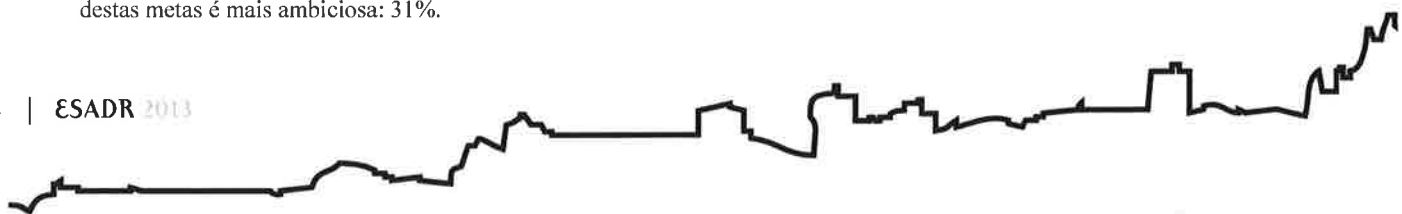
Sendo que a maioria desses parques estão implantados em zonas rurais ou tendencialmente rurais, que, em muitos casos, serão zonas protegidas, este trabalho tem como objectivo dar a conhecer os resultados iniciais de um estudo de caso em Alvaiázere onde o parque eólico está implantado na serra de Alvaiázere, que é simultaneamente o ex-libris do concelho e zona protegida pela Rede Natura 2000. Partindo da análise dos discursos do poder local, associações e grupos locais e regionais e moradores pretende-se perceber de que forma a presença dos aerogeradores trouxe alterações ao concelho, de que forma a população lida com esta presença e quais os consensos e controvérsias associados ao projecto de implementação do parque eólico. De uma forma mais geral, e tendo como ponto de partida este estudo de caso, pretende-se, também, analisar os discursos dos vários actores sociais envolvidos sobre energia eólica e energias renováveis em geral.

A pertinência de estudos sociais em torno das energias renováveis prende-se, em grande medida, com a sua rápida e forte disseminação um pouco por todo o mundo. Para se atingirem os objectivos ambientais traçados⁴ os países precisam de assumir políticas energéticas que visem não só atingir esses objectivos como também estabelecer medidas para que essas políticas sejam implementadas.

Grande parte dos trabalhos científicos baseados em estudos de caso sobre parques eólicos foca as divergências entre os diversos actores sociais relativamente aos locais de implementação dos parques eólicos (Oles e Hammarlund, 2011), a importância da aceitação pública (Zoellner, Schweizer-Ries e Wemheuer, 2008) e as controvérsias associadas à implementação dos parques eólicos (Pasqualetti, 2001). No entanto, em Portugal as energias renováveis pouco têm sido estudadas pela sociologia (Delicado et al, 2012).

³ Portugal tem parques eólicos espalhados um pouco por todo o território nacional ainda que a maior parte esteja localizada na zona centro-norte do país. No ano de 2012, a produção de energia eólica em Portugal atingia uma potência média de 4500 MW.

⁴ Veja-se os objectivos europeus da Estratégia Europeia 2020: reduzir as emissões de gases com efeito de estufa em 20 % (ou até 30 %), relativamente a 1990; Produzir 20% de energia a partir de energias renováveis e aumentar a eficiência energética em 20% até 2020. (Vavrova, 2011). Para Portugal a última destas metas é mais ambiciosa: 31%.



2) Metodologia

A comunicação aqui apresentada resulta de uma investigação ainda em curso e cujos dados até agora obtidos resultam de dois trabalhos de campo realizados em Alvaiázere entre Junho e Julho de 2013.

No período referido foram realizados três tipos de entrevistas: entrevistas institucionais, a presidentes de câmara e juntas de freguesia e respectivos ex-presidentes, entrevistas a associações locais/regionais e *media* local e entrevistas a moradores do concelho. No total realizaram-se 24 entrevistas, tendo-se tido em conta a preocupação de assegurar a diversidade de género e de escalão etário.

Para a análise empírica utilizou-se a análise documental do relatório de consulta pública (RCP), as actas da assembleia municipal e as actas das reuniões da câmara municipal, as notícias avançadas pelos *media*, antes, durante e depois da implementação do parque eólico, as notícias e posts escritos em blogues e ainda a legislação em vigor relativa a parques eólicos.

Partindo de guiões de entrevista semiestruturados e direccionados para os três tipos de entrevistas realizadas pretendeu-se caracterizar as representações veiculadas à percepção social das transformações a nível local acarretadas pela instalação do parque. Essa caracterização é feita através da análise dos discursos de todos os entrevistados, comparando respostas a perguntas específicas, relacionadas, por exemplo, com vantagens ou desvantagens e com impactos na paisagem.

3) O estudo de caso

Alvaiázere é um concelho situado no distrito de Leiria, que dista cerca de 30 km de Pombal e de Tomar. Composto, actualmente, por sete freguesias o concelho tem como ex-libris a serra de Alvaiázere onde, precisamente, foi implantado o parque eólico. A serra de Alvaiázere com cerca de 618 metros de altitude faz parte do Maciço de Sicó, “[...] um dos principais maciços calcários carsificados da Orla Mesocenozóica Ocidental Portuguesa e corresponde a um conjunto pouco elevado (Sicó, 553 m; Alvaiázere, 618 m) de serras e planaltos calcários que se estendem por cerca de 430 km² a Sul de Coimbra.” (Vieira e Cunha, 2006: 148). Embora o Maciço de Sicó não esteja sob nenhum estatuto de área protegida, o sector meridional do mesmo está inscrito na



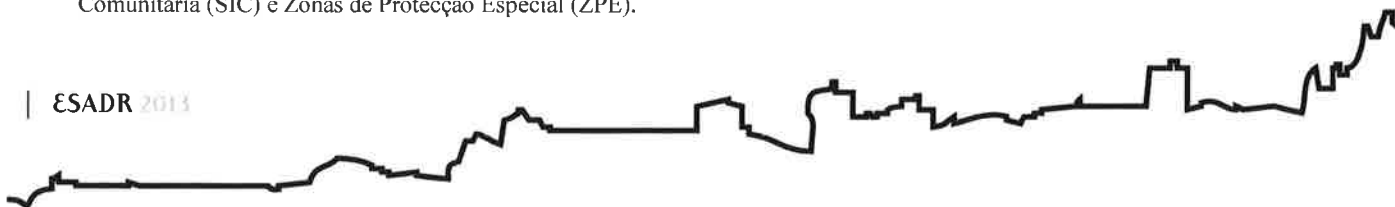
Rede Natura 2000⁵. Com a denominação de Sítio Sicó-Alvaiázere, onde se situa a serra de Alvaiázere e a serra de Ariques, este envolve oito concelhos: Ansião, Alvaiázere, Ferreira do Zêzere, Ourém, Penela, Pombal, Soure e Tomar. O sítio caracteriza-se, sobretudo, pela diversidade de habitats associados ao substrato calcário, com um grande habitat de orquídeas selvagens assim como vários abrigos de morcegos.

É neste cenário que foi implementado o parque eólico de Alvaiázere. O parque entrou em funcionamento a 31 de Dezembro de 2010, depois de um período de cerca de um ano de construção. Ainda que alguns entrevistados refiram que terão começado a ouvir falar do projecto de construção do parque eólico há quase 20 anos, a maioria remete para o início da década de 2000 e, de facto, o primeiro estudo de impacto ambiental (EIA) realizou-se entre Junho e Dezembro de 2003, sendo que o início do processo de avaliação de impacto ambiental (AIA) ocorreu em Fevereiro de 2004. O processo iniciou-se com um projecto para a instalação de um parque eólico na Serra de Ariques, que terá começado em 2000, mas que acabou por ser substituído pelo parque eólico de Alvaiázere. O abandono desse projecto inicial deveu-se a uma declaração de impacto ambiental desfavorável ao projecto, segundo a qual haveria visíveis impactos negativos sobre habitats naturais prioritários, e espécies da flora com elevado valor conservacionista, bem como acções de movimentação de terras e desmatção necessárias para a implementação do parque. O projecto de execução do parque eólico de Arega surge como um alargamento do parque eólico de Alvaiázere na medida em que o projecto inicial de Alvaiázere pressupunha a instalação de 9 aerogeradores sendo que dois foram deslocados para a serra de Arega a cerca de 8 km da serra de Alvaiázere. A serra de Alvaiázere ficou assim com 7 aerogeradores a funcionar há quase 3 anos. Os terrenos onde foi implantado o parque eólico são maioritariamente baldios e não havendo associação de compartes é o município de Alvaiázere que os administra.

4) Organizações da sociedade civil

Os Estudos de Impacto Ambiental têm obrigatoriamente uma fase de consulta pública, durante a qual é disponibilizado ao público um relatório não técnico que descreve as

⁵ A Rede Natura 2000 resulta das directivas para a protecção das aves e de habitats aprovada pela União Europeia em 2000. Anteriormente à rede Natura já existiam, no entanto, áreas protegidas, mas com o estabelecimento de zonas de rede Natura facilitou-se a protecção e conservação das áreas protegidas através das ZPE- Zona de Protecção Especial das aves e seus Habitats e da ZEC- Zona Especial de Conservação. A rede Natura 2000 no continente português actua através de: Sítios de Importância Comunitária (SIC) e Zonas de Protecção Especial (ZPE).



características do projecto e são recebidos contributos escritos. Segundo a pesquisa feita sobre o processo de implementação do parque eólico de Alvaiázere e da análise do relatório de consulta pública (RCP), apenas se pronunciaram desfavoravelmente três organizações não-governamentais locais e nacionais.⁶

O Geota (Grupo de Estudos de Ordenamento do Território de Ambiente) e a Oikos (Associação de Defesa do Ambiente e do Património da Região de Leiria) emitiram um parecer conjunto no qual manifestaram o desacordo quanto à implementação do parque. Como principais motivos as duas organizações sublinharam as desvantagens e impactos negativos associadas ao projecto, relativamente à área da Rede Natura 2000 e a sua ocupação e a carência de informação científica relevante no estudo de impacto ambiental realizado. Assim pode ler-se:

“ [...]é preciso não esquecer as desvantagens associadas a um projecto deste tipo designadamente aos impactes na paisagem. O ruído causado pelos aerogeradores, bem como os riscos potenciais para a avifauna [...] ” (pág. 3, parecer da Geota e Oikos RCP);

“Alguns dos principais impactes nesta área encontram-se associados à fase de construção [...] ” (pág. 4, parecer da Geota e Oikos, RCP);

“Pretendendo-se a localização do Parque Eólico numa zona cársica, e pela importância de que esta se reveste em termos de conservação, não é feito qualquer levantamento cartográfico, nem prospecção das cavidades na área de estudo.” (pág. 4, parecer da Geota e Oikos, RCP);

“ [...] são referenciadas espécies que ocorrem dentro da área de estudo com relevância em termos de conservação, às quais não é dada a devida importância na avaliação dos impactes, como sucede com os morcegos.” (pág. 5, parecer da Geota e Oikos, RCP);

Também a Quercus deu um parecer desfavorável alertando para as áreas sensíveis do Sítio Sicó-Alvaiázere da Rede Natura 2000 (aspectos negativos sobre a preservação de

⁶ Deram ainda parecer sobre este parque eólico o Instituto de Desenvolvimento Rural e Hidráulica (IDRHa) e a Rede Eléctrica Nacional (REN). O parecer do IDRHa informou que o projecto do parque não interferia com acções ou projectos da área da competência do instituto e o parecer da REN informou não ocorrerem interferências com as linhas de muita alta tensão da RNT e /ou outras infra-estruturas da REN.



habitats, das espécies e da paisagem devido, sobretudo à abertura de acessos e à colisão de aves e morcegos com os aerogeradores), para o forte ruído, para possíveis impactos devido à proximidade de outras estruturas (parque eólico da Videira), para o património arqueológico como a Carreira de Cavalos, uma extensa muralha pré-histórica, as grutas, e toda a vertente calcária do mediterrâneo ocidental e ainda para a relatividade dos benefícios para as freguesias do concelho. Assim pode ler-se:

“ [...]a *Quercus* defende que estas zonas naturais mais vulneráveis devem ser devidamente preservadas.” (pág. 1, parecer da *Quercus*, RCP);

“ [...] a construção de novos caminhos apresenta um dos impactes mais negativos, devido à destruição de habitats prioritários da Rede Natura 2000, situação com a qual não podemos concordar, para além dos sítios arqueológicos como a Carreira de Cavalos, uma extensa muralha pré-histórica a conservar na Serra de Alvaiázere.” (pág. 2, parecer da *Quercus*, RCP);

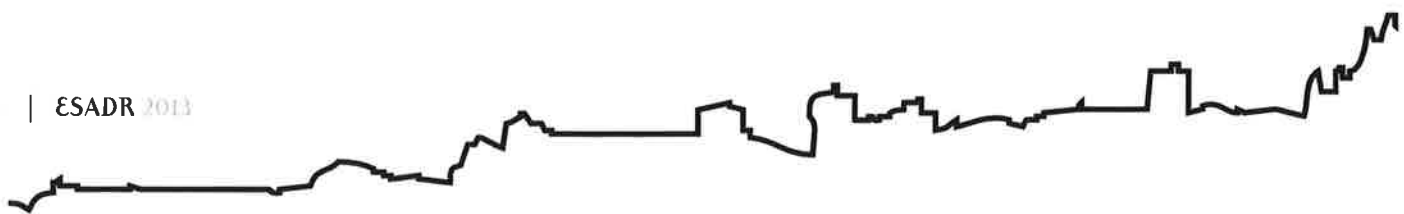
“ [...] na cumeada da Serra de Alvaiázere ocorrem ainda algumas espécies da flora endémica de grande raridade como a *Arabis sadina*, *Narcissus calcicola* e *Saxifraga cintrana*.” (pág. 2, parecer da *Quercus*, RCP)

Em 2010 a *Quercus* recorreu a tribunal contestando a colocação específica de três aerogeradores junto ao algar de morcegos. Um dos aerogeradores foi contestado por estar fora da área de Estudo Prévio do Processo de Avaliação de Impacte Ambiental e os outros dois por ameaçarem directamente o algar de morcegos.

“Recentemente foi instalado o aerogerador n.º 4 (AG4) a cerca de 100 metros abaixo do abrigo dos morcegos - Abrigo Alvaiázere, o que representa um risco elevado para a sobrevivência destas espécies” (Comunicado da *Quercus*, 2010)

A *Quercus* sugeriu, assim, a realocação dos aerogeradores em causa, proposta que foi recusada pelo tribunal. A decisão do tribunal foi no sentido de uma limitação do funcionamento das pás em determinados períodos do ano e a determinadas horas de forma a não coincidir, esse funcionamento, com a movimentação de morcegos.

As entrevistas realizadas a duas associações locais revelaram que, apesar de não se terem manifestado durante o processo de consulta pública, posicionam-se contra a



implementação do parque eólico ainda que qualquer uma das duas admita não ser contra energias renováveis nem contra a energia eólica⁷.

“ [...] tudo o que sejam energias renováveis, tudo o que seja poupar o ambiente, tudo o que seja rentabilizar os recursos naturais [...] nós não somos contra as energias, de modo algum. Nem contra as empresas que visam o lucro – porque o que caracteriza a empresa é visar o lucro, por isso é que é empresa. É mesmo o objectivo da empresa, no direito comercial.” (Al-Baiáz)

“Nós não somos contra as renováveis” (GPS)

De igual forma, apontam o local escolhido para a implantação do parque como razão principal para a posição que defendem:

“ [...] nós tínhamos proposto a classificação do castro – designado por Carreira de Cavalos – portanto, o maior castro da Península Ibérica, havendo ali um património a proteger [...] não faria sentido, e no mesmo sitio, estarmos a aceitar de mão beijada uma coisa que iria ser a destruição de outra [...]” (Al-Baiáz)

“ [...] a nossa posição é o porquê ali? Sabendo a riqueza que ali está, portanto, o que era a identidade da terra, é a história da nossa terra, não temos mais nada. Não há monumentos, não há arte antiga, tem vindo tudo a ser destruído, a ser descaracterizado.” (Al-Baiáz)

“ [...] o direito à paisagem é um direito consagrado na legislação.” (Al-Baiáz)

“Estamos a falar do Maciço de Sicó [...] há ali um Castro, grutas, algares de morcegos. A serra tem características geológicas e geomorfológicas que não foram tidas em conta.” (GPS)

Num comunicado do grupo GPS, que data de Dezembro de 2009, a associação alerta para as características geológicas e geomorfológicas do maciço calcário onde foi implantado o parque eólico e refere a existência de um importante monumento arqueológico, o Castro da serra de Alvaiázere. Além deste, assinalam a existência de

⁷ A associação AL-Baiáz, sediada em Alvaiázere, é uma associação sem fins lucrativos e com actividades centradas na defesa do património cultural e natural e o Grupo Protecção Sicó, nascido em Pombal, é uma associação que se dedica, sobretudo, à actividade espeleológica na grande zona do Maciço de Condeixa-Sicó-Alvaiázere.



várias cavidades que poderiam ser destruídas pela colocação das sapatas de determinados aerogeradores (nomeadamente três já referidos pela Quercus) e possível destruição de um abrigo de morcegos pela colocação de um gerador demasiado próximo do algar:

*“ [...]este abrigo que se situa a poucas centenas de metros da localização do aerogerador 4, alberga uma colónia com presença regular de mais de 2000 indivíduos da espécie *Miniopterus schreibersii* durante a época de hibernação, período em que também é utilizado por algumas centenas de indivíduos das espécies *Rhinolophus ferrumequinum* e *Rhinolophus euryale*. ” (comunicado do GPS, 2009)*

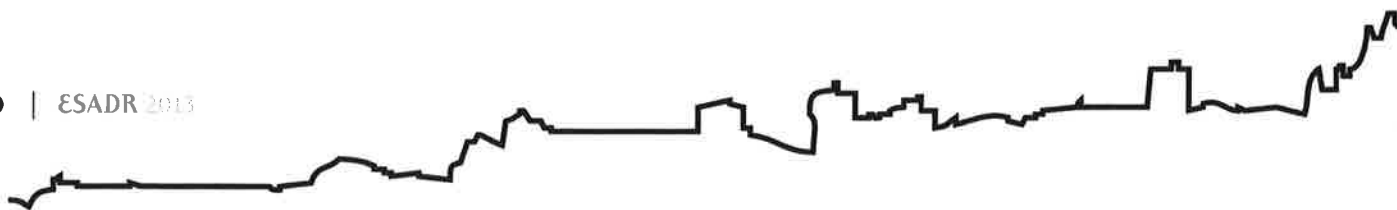
“ [...] o GPS voltou a deslocar-se à Serra de Alvaiázere [...] Ao chegar ao local, constatou-se que apesar da existência de uma cavidade em pleno local de implantação de uma sapata de edificação, de um dos aerogeradores do Parque Eólico de Alvaiázere, os trabalhos relativos à escavação/preparação para a colocação do específico aerogerador 7, não tinham sido interrompidos. E, com a sua continuidade, resultou mesmo no desaparecimento e/ou a ocultação do depósito de crioclastos, bem como da cavidade (Algar AG7), previamente detectados [...] ” (Comunicado do GPS, 2009)

Além do local escolhido e das implicações para uma zona da Rede Natura 2000, as associações referem a falta de clareza em todo o processo não só relativamente aos lucros gerados pelo parque e à sua aplicação prática no município mas também relativamente à empresa promotora do mesmo e ao total desconhecimento sobre a sua constituição e accionistas:

“ [...] um dia têm que contar e vão ter que responder a isso.[...] Já que está lá, já que tinha interesse, então que diga aonde vai investir, porque nós gostaríamos até de ver esse investimento na terra. ” (Al-Baiáz)

Foi também entrevistado um representante de uma organização desportiva local cujo posicionamento é muito mais neutral e até defensor do investimento:

“Do meu ponto de vista parece-me que poderá ajudar [...] baixe o endividamento da câmara e acabe por gerar algumas receitas que não tinha, até este momento” (Centro de Voo Livre)



“ [...] penso que as grutas continuam a ser possíveis de visitar, o parapente ficou um pouco...com meia asa, penso que ficou um pouco prejudicado, mas o que quero dizer com isto é que nós não podemos olhar como prejudicado pontualmente.” (Centro de Voo Livre)

Sobre o impacto na paisagem a organização desportiva refere:

“ [...] agora, quando na IC8 se está a chegar a uma zona que se chama Pontão, havia pessoas que não...eventualmente nessa zona, ou iam para Pombal ou iam para Castelo Branco e não sabiam onde é que era Alvaiázere [...] agora consigo dizer [...]olham para a frente e vêem uma fila enorme de sete eólicas, aquela é a serra de Alvaiázere.[...] Já tenho um ponto de referência!” (Centro de Voo Livre)

Uma questão levantada por alguns dos entrevistados prende-se com o tempo de vida útil do parque e com o que está previsto para depois

“ [...] alguma coisa que me preocupa a nível do parque, há: é a única coisa que me preocupa é daqui a 30, 40, 50 anos, quando o parque se der como impróprio[...] para um fundo mundial onde, quando essa central nuclear tem problemas [...] esse fundo não existe nas eólicas[...] o quê que vai acontecer, quem é que vai fazer a manutenção?” (Centro de Voo Livre)

“ [...] no processo de construção de uma pá é perdida muita energia [...]” (Centro de Voo Livre)

“ [...] daqui a poucas décadas aquilo ferrugento, já sem produzir, e ninguém para lá ir tirar. Olhe certamente é a junta de freguesia de Alvaiázere que ainda tem que lá ir desmantelar aquilo, a custos da própria [...] ” (Al-Baiáz)

O único cidadão que tomou uma posição oficial relativamente ao parque eólico afirma ser totalmente contra o parque pelas mesmas razões das associações locais/regionais⁸.

“ Foram poucas as pessoas que, entidades que se envolveram concretamente nesta, no que acaba por ser uma luta a favor do património, não contra as eólicas, mas contra o

⁸ Este cidadão terá começado por manifestar o seu desagrado relativamente ao parque eólico no início do processo, quando o projecto previsto seria para a Serra de Ariques não tendo, no entanto, dado um parecer no RCP do projecto final, na Serra de Alvaiázere.



desordenamento que a questão dos parques eólicos tem trazido a Portugal” (C1, homem, cerca de 35 anos)

“ [...] se estamos numa região de reconhecido valor patrimonial, seja património biótico, abiótico, arqueológico, cultural, etc., paisagístico[...] E daí, eu na altura, ter exactamente proposto que este projecto fosse deslocalizado, sensivelmente a 10km daqui, para uma área onde os impactos não têm, são muito, muito inferiores [...]” (C1, homem, cerca de 35 anos)

Também nesta entrevista há referências à empresa promotora do parque:

“ [...] a empresa [...] que é uma sociedade anónima, que não se sabe quem é que são os gerentes, nunca debateram com a população a questão do parque eólico, ninguém sabe quem é que faz parte dessa, dessa, empresa [...]” (C1, homem, cerca de 35 anos)

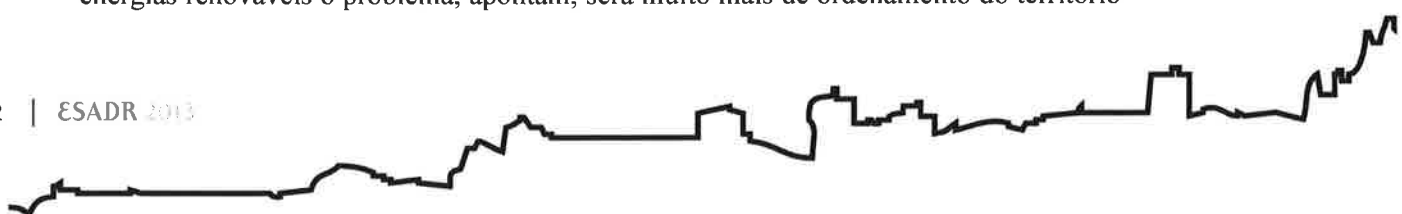
Já quanto à paisagem o cidadão refere que:

“ [...] quem vive na vila de Alvaiázere, só vê parte das eólicas. Quem vive da parte de Almoster, a norte, já tem uma visão completamente diferente do parque eólico [...] haver pessoas contra de um lado e de outro, as de Almoster manifestam-se mais porque o impacto paisagístico é muito, muito maior.” (C1, homem, cerca de 35 anos)

Também o cidadão levanta questões relativas ao tempo de vida útil do parque:

“ [...]no final da, do tempo de vida útil deste parque eólico [...] que é de vinte e poucos anos, ver o que é que vai acontecer, nessa altura. Porque, já acontece, por exemplo, nos Estados Unidos, em que há parques eólicos que estão abandonados, que já são quase locais de visita arqueológica e industrial.” (C1, homem, cerca de 35 anos)

As posições, relativamente ao parque eólico, tanto das diversas associações e grupos como do cidadão, são defendidas tendo em conta, principalmente, o impacto na paisagem, o possível ruído, as consequências negativas para a vida selvagem, a destruição do património arqueológico, geológico e natural, o desconhecimento no que concerne à aplicação dos rendimentos resultantes da exploração do parque e o desconhecimento sobre a empresa promotora do mesmo, assim como o tempo de vida útil do parque e as consequências financeiras e ambientais do seu posterior desmantelamento. Sendo que a maioria dos entrevistados se mostrou favorável às energias renováveis o problema, apontam, será muito mais de ordenamento do território



e de envolvimento e esclarecimento da opinião pública e menos sobre as associações serem contra ou a favor das energias renováveis.

5) Os media

O jornal local, o *Alvaiazerense*, publicou pouco sobre o parque eólico de Alvaiázere. As notícias, publicadas somente após a implantação do parque, foram relativas à energia produzida pelo parque, no seu primeiro ano em funcionamento, e à construção de uma unidade hoteleira na serra, relacionada com os rendimentos do parque eólico, e muito criticada por um cidadão. Em entrevista, o director do jornal afirmou não ter avançado com notícias sobre o parque eólico na fase de construção nem na fase de discussão pública por considerar que seria o adequado:

“Portanto, isto para dizer que tenho acompanhado e, na altura, não era director mas também não achei necessidade de estar a escrever. Deixámos decorrer, digamos, essa questão pública em pleno.” (Director do jornal o *Alvaiazerense*)

O director do jornal referiu, ainda, o aumento da actividade económica durante a fase de execução do projecto:

“Na altura, na sua execução, notou-se que havia actividade em termos de actividade económica, porque depois, houve empresas... não é só o parque eólico, depois há todos os trabalhos inerentes que foi a subestação.” (Director do jornal, o *Alvaiazerense*)

Quanto à opinião dos moradores em Alvaiázere o jornal referiu que o transporte dos aerogeradores foi o que despertou maior curiosidade na população e que uns se mostraram contra e outros a favor:

“ [...] passavam os camiões com aquelas, com as turbinas e não sei o quê e, pronto, parecendo que não, chamou a curiosidade das pessoas.” (Director do jornal, o *Alvaiazerense*)

“Eh pá, nestas coisas, às vezes há fundamentalismos, não é? E há os prós e contras não há dúvida. E, se calhar, havia pessoas contra, mas, de uma maneira geral, penso que houve aceitação.” (Director do jornal, o *Alvaiazerense*)

Ainda referente à sensibilização:



“ [...] porque as pessoas certamente ficaram mais sensibilizadas para estas questões das energias, das renováveis e, enfim, depois com a televisão [...] com a factura que se tem que pagar de energia, eu penso que sim, que alertou bastante as pessoas.” (Jornal, *o Alvaiazerense*)

Relativamente à paisagem o director afirma que muitos moradores gostaram de ver os aerogeradores no cimo da serra:

“ [...] até acaba por ser uma atracção, porque como a serra tem acesso, as pessoas por vezes, têm a curiosidade de ir lá ver aquilo e: «Isto realmente, isto aqui ao longe é uma coisa, visto de perto, isto realmente é...». Os tais setenta e tal metros de altura e cada pá trinta e oito, se não me engano – isto há-de estar aí – eh pá! Mete respeito, digamos assim. Mete respeito.” (Director do jornal, *o Alvaiazerense*)

Quanto aos lucros gerados pelo parque e à sua aplicação prática no município também o jornal admite algum desconhecimento:

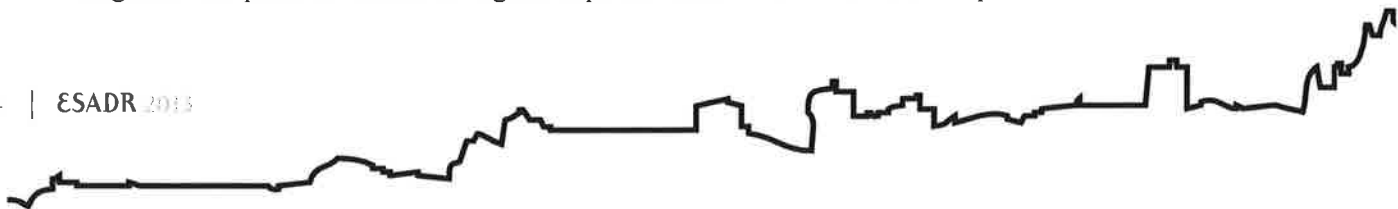
“ [...]penso que é uma falha as autarquias...talvez fosse bom que identificassem os valores e dissessem até para efeitos é que está a ser investido[...].” (Director do jornal, *o Alvaiazerense*)

“Há um certo mistério ou desconhecimento de para onde vão essas verbas e penso que teria interesse para as pessoas” (Director do jornal, *o Alvaiazerense*)

Outros jornais regionais noticiaram acerca do parque eólico de Alvaiázere, entre eles o jornal *As Beiras*, o *Jornal de Leiria* e o jornal *Noticias ao Centro*. As notícias abrangeram as polémicas associadas ao processo de execução da mesma forma que noticiaram as medidas da câmara para melhorar o município. Aqui, destaca-se a energia gerida através do parque para o concelho ou ainda a restauração de escolas e novas unidades hoteleiras. Os jornais nacionais, *Correio da Manhã*, *Expresso*, *IOonline* e a revista *Visão* apenas publicaram notícias relacionadas com um incêndio que deflagrou na serra de Alvaiázere e com o processo judicial instaurado pela Quercus.

6) As autoridades locais

Através das entrevistas realizadas ao presidente da câmara de Alvaiázere, presidentes de juntas de freguesia de Alvaiázere e Almoester e ex-presidente da câmara e das juntas de freguesia foi possível clarificar alguns aspectos mais formais de todo o processo de



implementação do parque eólico tais como datas, empresas promotoras, trâmites legais e institucionais e benefícios e lucros para o município, entre outros.

Assim, confirmou-se que o projecto de implementação de um parque eólico em Alvaiázere terá tido início há cerca de vinte anos e que após contestação local e por razões ambientais, foi substituído pelo actual parque com sete aerogeradores na serra de Alvaiázere e dois aerogeradores na serra de Arega. O actual presidente referiu, ainda, que estariam previstos para Arega quatro aerogeradores mas que pela natureza do processo e por se ter arrastado durante anos dois desses aerogeradores perderam viabilidade económica, devido a alterações de financiamento e a alterações no mercado das renováveis nos últimos anos.

Todos os entrevistados consideraram o projecto do parque eólico como uma mais-valia e fonte de rendimento para o concelho e nenhum considerou ter havido impactos negativos significantes na serra nem do ponto de vista do património nem do ponto de vista da paisagem.

Quanto ao impacto na cultura e identidade local o antigo presidente afirmou:

“ [...] pode levar a que determinadas pessoas e os miúdos, acompanhados pelos professores, tenham uma visão diferente do que uma pessoa que tem 70 anos, que nunca viu um parque eólico nem sabe o que é que é. Poderá trazer conhecimentos e uma cultura diferente, a esse nível.” (Ex-presidente de câmara)

Acerca dos benefícios o actual presidente afirmou que a Câmara Municipal terá recebido até à presente data mais de um milhão de euros, o que considera ser um grande benefício que chega anualmente à câmara e que permite redistribuir pelo concelho através de infra-estruturas e serviços prestados à população.

Relativamente a impactos na paisagem os entrevistados afirmaram que:

“Trouxe transformações também porque permite uma acessibilidade à parte poente da serra que não existia até agora. [...] conseguimos com a acessibilidade que foi criada com o parque eólico, poupar, em Setembro do ano passado que toda a serra tivesse ardido [...]” (actual presidente de câmara)

“Mas, quer queiramos quer não, há sempre transformação paisagística, também já foi executada há mais tempo, portanto, desde quando foi a construção do posto de vigia,



quando foi a construção da antena de telecomunicações da PT e TMN, portanto, todas as infra-estruturas das antenas que já lá estão, portanto, já havia ali uma pequena transformação.” (presidente da Junta de Alvaiázere)

“Vejo na minha própria freguesia [...] há terrenos que são reserva agrícola, ou rede natura e, no entanto, estão a criar silvas e mato e potenciar, por exemplo, incêndios e, se calhar, se, em certas zonas, que até são atravessadas por estradas nacionais, se se pudesse construir, era uma ajuda para fixar cá população. No entanto os terrenos são de reserva e estão ao abandono.” (presidente da Junta de Almoester)

Os presidentes das juntas de freguesia de Alvaiázere e Almoester afirmaram que as contestações partiram maioritariamente de organizações, associações e pessoas que não residem em Alvaiázere:

“Portanto, pessoas directamente da vila, habitantes, não houve essa retracção, não houve essa forma de estarem contra o parque. Foi mais pessoas vindas do exterior. Que tentaram, portanto, impulsionar as pessoas do concelho e da freguesia para estarem um pouco contra a implementação do parque.” (presidente da Junta de Alvaiázere)

“É assim: há contestação daqueles que já contestavam antes – alguns grupos ambientalistas e coisas do género – mas a população [...] Nem em Almoester nem no resto do concelho [...]” (presidente da Junta de Almoester)

“[...] a contestação, quer dizer, a nível local é...aliás, as pessoas que sempre lideraram os movimentos contra o parque a maior parte nem são de cá, não é?” (presidente da Junta de Almoester)

Quanto à inscrição da serra na Rede Natura o ex-presidente lamenta que a câmara municipal não tenha sido consultada:

“Mas eu aí contestei seriamente e achei que estava errado, porque nós não fomos ouvidos nem achados.” (ex-presidente de câmara)

7) Os moradores

O parque eólico de Alvaiázere situa-se perto das povoações do Pé da Serra, Mata, Bofinho, Covões, Marzugueira e Porta, à saída da vila de Alvaiázere, sendo que o mesmo é visível na totalidade no outro lado da serra, em Almoester.



Na freguesia de Almoster alguns moradores, embora conformados, afirmaram não estarem satisfeitos com a existência do parque devido ao ruído. Mencionaram o facto de ser uma zona protegida, de se terem destruído abrigos de morcegos, mas muito mais por terem ouvido dizer ou lido em jornais do que por terem conhecimento desses factos anteriormente à construção do parque eólico.

“ [...] tudo o que se mexa na natureza prejudica.[...] Do ponto de vista estético [...] eu não gosto, evidentemente, ninguém gosta de ver estes mamarrachos, a gente gosta de ver a natureza em bruto. Pela utilidade que eles têm, pela necessidade de energia, não sei [...] ” (C2, mulher, 67 anos)

“ [...] porque bonitas não são. Fazem ruído em certas alturas, aqui também chega um pouco do zuzuzu, em certas alturas, não sempre, ainda aqui chega. ” (C2, mulher, 67 anos)

“ [...] ouvi dizer que eles em alternativa iam reparar as escolas antigas para efeitos de interpretação da zona [...] as escolas estão praticamente na mesma. Destruíram o telhado, sei lá umas paredes [...] ” (C2, mulher, 67 anos)

Tanto em relação a Almoster como em relação às restantes freguesias do concelho estamos a falar de zonas com baixa densidade populacional e onde muitas das habitações pertencem a emigrantes que não acompanharam de perto o processo e cujas opiniões são, no caso dos entrevistados, positivas e favoráveis aos parques eólicos. A referência a parques em França ou na Holanda, de dimensões muito superiores ao parque de Alvaiázere, foi feita por emigrantes no sentido de questionar a polémica e a opinião negativa de alguns alvaiazerenses.

“ [...] a mim não me arranja nem desarranja até porque a gente vem no caminho de França e o que se vê é isto, por todo o lado, não até se puderem ter mais [...] se puderem pôr mais e se aquilo dá interesse ponham mais[...] ” (C3, mulher, cerca de 65 anos)

“Toda a gente diz que a luz é cara, ela é cara em todo o lado! Em todo o lado! Ali na serra não desarranja ninguém [...] ” (C3, mulher, cerca de 65 anos)

Na vila de Alvaiázere a realidade é outra. Os moradores entrevistados demonstraram receio em falar sobre o parque e as respostas foram extremamente evasivas. Muitos



moradores não quiseram pronunciar-se sobre o parque eólico sendo que alguns dos moradores chegaram mesmo a admitir que “em Alvaiázere não se fala disso (parque eólico)”. Muitos comentaram “off the record” que é um assunto tabu e que as pessoas têm medo de falar sobre o mesmo.

“ [...] não tenho opinião. Sou do Sabugal mas moro aqui há 30 anos [...] como não sou daqui não tenho direito a nada, só tenho deveres.” (C4, homem, 75 anos)

“ [...] se não tivesse a gravar eu já lhe dizia [...]” (C4, homem, 75 anos)

“Se está feito é porque está bem, não é? [...] Não sei. Não sou dessas coisas. É assim se me perguntarem opinião tudo muito bem agora eu estar a saber o quê que há o quê que aconteceu eu não me meto nessas coisas.” (C5, mulher, 35 anos)

“ [...] Ela tem medo. (cliente na papelaria) Se calhar é melhor estar calada.” (C6, mulher, 38 anos)

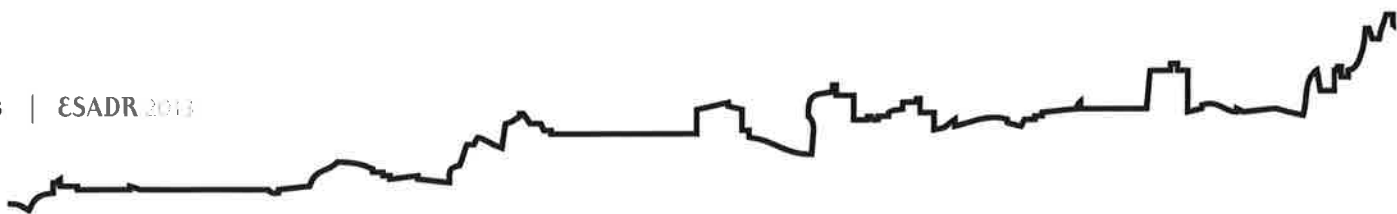
“ [...] Não fica nada bem na paisagem [...] ainda não consegui perceber quais são as vantagens [...] as pessoas têm um bocadinho de receio acho eu [...] ” (C6, mulher, 38 anos)

“ [...] eu preferia não. Agora pronto, pronto, você está-me a perceber, preferia ver a serra ao natural mas se é útil [...] está-me a perceber, se é útil está tudo muito bem [...] não sei. Olhe nós vivemos, eu vivo num mundo em que não sei responder a nada, está-me a perceber? Está-me a perceber! [...] ” (C7, mulher, 69 anos)

No caso das entrevistas em que os moradores concordaram responder a algumas perguntas a generalidade dos entrevistados referiu não ter, ainda, visto qualquer vantagem, na implementação do parque e mencionou as facturas de electricidade e o valor, considerado demasiado alto, da luz eléctrica.

“ [...] sei lá, disseram que trazia vantagens porque ao produzir energia saía mais barata ela cada vez está mais cara! Não sei quais foram as vantagens [...] ” (C8, mulher, 38 anos)

“ Tivemos um vendaval, acho que foi em Março ou Abril, e tivemos sem energia bastante tempo e as eólicas não nos deixaram faltar energia, alimentou-nos aqui o concelho [...] alimentou mas não foi a área toda. [...] Houve muita gente que tiveram



semanas sem energia [...] e a EDP custou a repor. Mas nós tivemos porque as eólicas produziram para termos aqui energia, em algumas partes não foi em todas.” (C8, mulher, 38 anos)

“ [...] podiam era pôr a energia mais barata e as pessoas cada vez têm mais aparelhos em casa, gastam mais [...] e por todo o lado há eólicas podiam baixar o preço da energia, é só isso que eu digo. Acho que os preços são muito elevados.” (C8, mulher, 38 anos)

Quanto ao impacto na paisagem a maioria dos entrevistados acha que as turbinas eólicas têm impacto negativo na paisagem e que preferiam ver a serra sem o parque eólico. Alguns moradores afirmaram já estarem habituados às turbinas no cimo da serra.

“ Não estorva ninguém aquilo que lá está [...] claro não vamos dizer que é muito giro, não, não vamos dizer que é muito giro, não é, mas se desse para dar apoio no rendimento a Alvaiázere, mais tarde, claro, também não estorva [...] ” (C9, mulher, 45 anos)

“ [...] era bom que a gente pudesse já deixar o gasóleo, deixar essas coisas todas, e as barragens [...]” (C9, mulher, 45 anos)

“ A única desvantagem que eu noto no parque, pronto é paisagística, embora não seja assim muito descabida, mas é paisagística e algum ruído sonoro que se nota.” (C10, homem, 37 anos)

“ [...] mesmo a nível de turismo eu acho que as pessoas gostam sempre de ir visitar [...] é agradável olhar e ver as eólicas a rodar, eu para mim acho que é.” (C11, mulher, 27 anos)

Em quase todas as respostas há referências aos algares de morcegos usando expressões como “parece que”, “dizem que” dando a entender que a maioria das pessoas entrevistadas só tomou conhecimento da existência de morcegos na serra depois de algumas pessoas e associações contestarem a implementação do parque eólico.

Por fim, e quanto ao período de consulta pública, a maioria dos entrevistados afirmou não ter sabido de nenhum período de consulta pública e os que souberam afirmaram não ter interesse em se manifestar. Sobre este assunto, as associações locais afirmaram ter havido uma estratégia na publicação da data de consulta por parte da câmara não dando



assim tempo suficiente para que as pessoas tomassem conhecimento da mesma. Estas críticas são consonantes com o que a literatura em Portugal tem vindo a afirmar sobre estes processos: as audições servem mais para informar o público que para debater com ele (Lima, 2004: 154) e que várias estratégias são mobilizadas para restringir a participação, nomeadamente escassa divulgação, difícil acesso à documentação, não apresentação de alternativas de projecto, discussão pública de obras já em fase de construção (Chito e Caixinhas, 1993).

Os resultados apresentados aqui são, como já referido, os resultados iniciais, ainda parciais, resultantes do conjunto de entrevistas já realizadas assim como da observação no terreno.

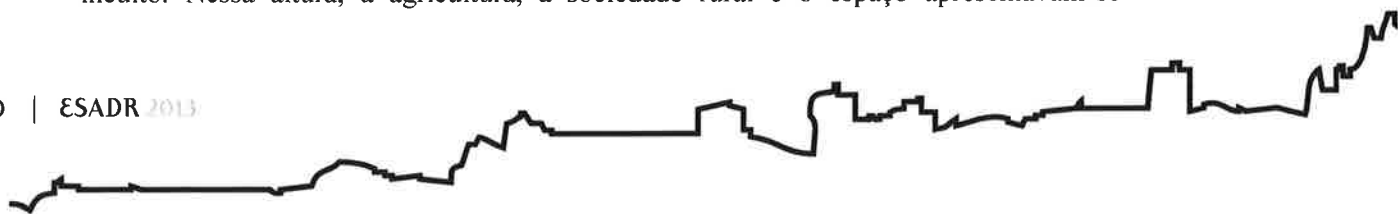
Poder-se-á concluir, no entanto, que a implementação do parque eólico não foi um assunto que passasse despercebido em Alvaiázere. Seja em conversas de café, em conversas privadas ou através da participação e comunicados oficiais, a população teve e tem uma opinião sobre o parque eólico. Se muitos dos entrevistados, de facto, têm receio de a expressar publicamente e se isso estará relacionado com o poder local então este é um ponto que merecerá maior atenção nos meses de trabalho que se seguem.

Por outro lado será interessante perceber de que forma o discurso das associações e grupos locais tem impacto na população ou se a população se revê nesse discurso.

A Câmara Municipal admite o retorno económico que advém da implementação do parque eólico o que demonstra a importância destes projectos para os municípios, sobretudo municípios como Alvaiázere. A vila de Alvaiázere é, como muitas outras em Portugal, uma vila sem oferta de emprego para as camadas mais jovens da população que se vêm obrigadas a sair. Muitas dessas pessoas que saíram para as universidades, não voltam mais. Assim, é difícil encontrar na vila moradores na faixa etária dos 20 ou 30 anos. A câmara municipal surge como principal empregadora no município e afirma, com orgulho, ainda ter a possibilidade de o fazer. Este dado é fundamental na análise da sociedade rural e da importância do poder local nessa sociedade.

8) Conclusões

Em meados do século XX vivia-se o auge da agricultura em Portugal, com uma maioria populacional agrícola que se havia apropriado de todo o espaço disponível, incluindo o inculto. Nessa altura, a agricultura, a sociedade rural e o espaço apresentavam-se



unificados e, em inícios dos anos 60, a sociedade rural atingia a sua plenitude demográfica (Brito, *et al*, coord.,1996) (Godinho, 2010:21). No entanto, ainda na década de 60 começa-se a assistir a migrações internas, do campo para a cidade, a migrações para países europeus sobretudo, além da guerra colonial que entretanto se desencadeia em Angola e mais tarde em Moçambique. O espaço emerge independentemente da agricultura, que por sua vez, já não se impõem enquanto garantia de subsistência (Brito, *et al*, coord.,1996)

Portugal viu-se a par de uma forte e rápida evolução tecnológica. Estas transformações impuseram-se, deste modo, como uma necessidade aos agricultores para permanecerem no contexto-socio-económico e assim não só se alterou o trabalho como o panorama daqueles que trabalhavam na agricultura (Brito, *et al*, coord.,1996)

Com a industrialização e com a urbanização, e a par dos avanços tecnológicos, a fronteira entre rural e urbano também se alterou, diminuiu na maioria dos casos e permitiu um maior fluxo de pessoas e com isso maior desenvolvimento local.

Em Alvaiázere, naquilo que se poderia definir como uma zona tendencialmente urbana, a agricultura é sobretudo familiar e grande parte da população ainda vive daquilo que a terra pode dar. A saída de jovens para as universidades ou à procura de emprego faz do concelho uma zona de grande despovoamento em que a população, nas freguesias periféricas à vila é totalmente envelhecida. Uma outra característica são as segundas habitações onde muitos alvaiazerenses e mesmo pessoas de outros lugares passam temporadas ao longo do ano mas cuja habitação principal é nas cidades mais próximas como Leiria, Pombal, Tomar, Coimbra e Lisboa.

O concelho fica, a maior parte do ano, povoado por uma população envelhecida onde é difícil encontrar grupos etários abaixo dos 40 anos. As entrevistas realizadas, que tentaram abranger a maior diversidade possível mostram, no entanto, que o grupo etário dominante em Alvaiázere se situa acima dos 50 anos. Aqui de ressaltar que o grupo etário dominante se encontra em todo o concelho embora mais nas aldeias e freguesias periféricas à vila enquanto os grupos etários mais jovens se encontram, sobretudo, na vila, onde há emprego.

O parque eólico não parece reunir o consenso da comunidade local. Os moradores demonstraram receio e desconforto em falar do parque eólico, algo que foi transversal à



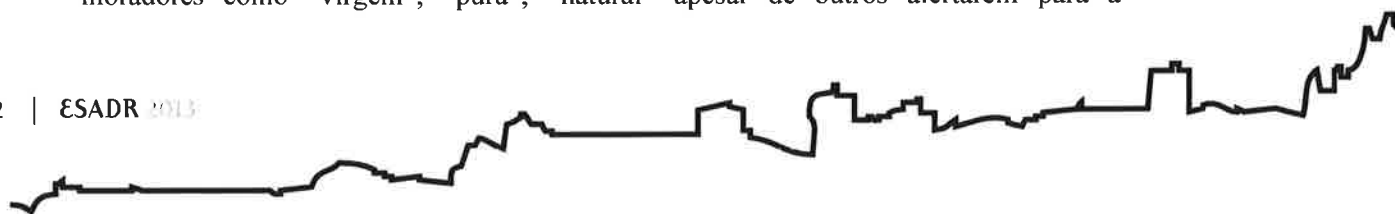
maioria das entrevistas realizadas. Já as associações e grupos locais e regionais entrevistados assumiram posições desfavoráveis à implementação do parque eólico em Alvaiázere, assim como um cidadão. Uma associação desportiva assume uma posição mais neutra ainda que veja com alguma desconfiança a eficiência da energia eólica em geral, apontando a microgeração como solução possível. Quanto ao jornal local, optou por não se envolver na fase de construção do parque eólico e, mesmo após a construção do mesmo, as notícias avançadas relativamente ao parque foram muito poucas.

A autarquia defende a importância deste tipo de projectos não só por ser uma energia renovável mas também pelo forte retorno económico para o concelho.

Numa vila que tem a serra como ex-libris e onde o património cultural é marcado por capelas, fontes, miradouros, escolas do período do Estado Novo ou ainda coretos, as alterações na paisagem têm, na maioria dos casos, efeitos na população. Se a população está contra ou a favor de certas alterações é, talvez, menos importante que perceber se as pessoas se identificam ou não com essas alterações induzidas na paisagem e porquê. O valor patrimonial de algo, para as pessoas, é muito mais aquilo que elas fazem dele do que o seu valor instituído.

A implementação de parques eólicos tem sempre efeitos nas populações que residem perto deles. Seja por polémicas associadas ao processo, por falta de informação ou por razões relacionadas com a paisagem, natureza ou saúde a maioria das pessoas não fica indiferente. Queixas relacionadas com o ruído, a ameaça à vida selvagem ou o seu aspecto estético estão presentes em muitos dos estudos feitos nesta matéria. No entanto, Pasqualetti (2001) chama a atenção para o surgimento de um tipo de turismo relacionado com os parques eólicos “turismo do vento”: “Numa irónica reviravolta, não poucos membros da mesma indústria cinematográfica, que antes procuravam entretenimento e relaxamento num deserto “antigo” livre de turbinas, têm estado a incorporar as novas paisagens do vento como cenário para publicidade e filmes, justamente por elas serem tão sugestivas.”(Pasqualetti, 2001:695)

No que respeita à aceitação pública é essencial partir da “[...] importância de conhecer os factores sociais relevantes para a formação da aceitação pública relativamente às energias renováveis” (Wemheuer Zoellner, Schweizer-Ries, 2008:4136). Assim, e tendo em conta que neste caso a implantação do parque foi numa serra considerada pelos moradores como “virgem”, “pura”, “natural” apesar de outros alertarem para a



existência de um posto de vigia e de antenas de telecomunicações, anteriormente à implantação do parque, é possível afirmar que a implementação de parques eólicos em zonas já industrializadas poderá ser considerada como menos interferente na paisagem do que aqueles implementados em zonas consideradas naturais. (Zoellner, Schweizer-Ries, Wemheuer, 2008: 4137)

Um outro ponto de importante análise neste trabalho, e no projecto, remete para a análise dos discursos de todos os grupos de entrevistados relativamente à energia eólica e às energias renováveis em geral. É interessante notar, no caso de Alvaiázere, que algumas pessoas, sobretudo em faixas etárias mais elevadas têm alguma dificuldade em expressar uma opinião sobre o assunto ainda que outras, na mesma faixa etária, contraponham essa mesma tendência. Por outro lado, nota-se um discurso claro e muito esclarecido nos entrevistados mais jovens e quase todos os entrevistados são favoráveis à energia eólica. Será então, sobretudo, uma questão de ordenamento do território? De ser favorável à energia eólica desde que não seja perto da sua casa? E qual a relação estabelecida entre comunicação social e a população e de que forma a comunicação social poderá influenciar ou até moldar os discursos assumidos?

“Se as pessoas se sentirem colocadas de parte no processo de planeamento e tomadas de decisão, é muito mais provável que elas se oponham a esses processos” (Zoellner, Schweizer-Ries, Wemheuer, 2008: 4140)



9) Referências bibliográficas

Brito, J. Pais de *et al.*, coord. (1996). *O Voo do Arado*, Lisboa, Museu Nacional de Etnologia/IPM/MC

Chito, Beatriz; Caixinhas, Raúl (1993), “A participação do público no processo de avaliação do impacte ambiental”, *Revista Critica de Ciências Sociais*, 36, 41–55.

Delicado, A., Truninger, M., Horta, A., Figueiredo, E., Silva, L., Fonseca, S. (2012). Discursos Técnico-científicos sobre energias renováveis em Portugal. *VII Congresso Português de Sociologia* (2012)

Godinho, P. (2010). Festas de Inverno no Nordeste de Portugal – património, mercantilização e aporias da “cultura popular”, 100Luz, Alentejo

Grupo Protecção Sicó (2009). Comunicado Oficial. Parque eólico de Alvaiázere. Disponível em:

http://www.fpeespeleo.org/index.php?option=com_content&view=article&id=24:parque-e-eolico-de-alvaiazere&catid=34:noticias-das-associadas&Itemid=60 (acesso em 4 de Fevereiro de 2013)

Lima, Maria Luísa Pedroso de (2004), “Images of the public in the debates about risk: consequences for participation”, *Portuguese Journal of Social Sciences*, 2(3), 149–163.

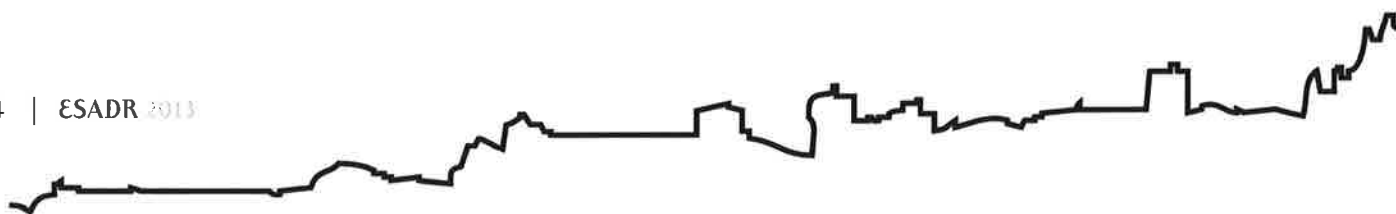
Oles, T., & Hammarlund, K. (2011): The European Landscape Convention. Wind Power, and the Limits pf the local: Notes from Italy and Sweden, *Landscape Research*, 36:4, 471-485

Pasqualetti, M. (2001): Wind Energy Landscape: Society ant Technology in the California Desert, *Society & Natural Resources*. Na *International Journal*, 14:8, 689-699

Quercus (2010). Comunicado Oficial. Parque Eólico de Alvaiázere instala aerogeradores junto de abrigo com morcegos ameaçados de extinção. Disponível em: <http://www.quercus.pt/comunicados/2010/setembro/624-parque-eolico-de-alvaiazere-instala-aerogeradores-junto-de-abrigo-com-morcegos-ameacados-de-extincao> (acesso em 4 de Fevereiro de 2013)

Vavrova, Z. (2011). A estratégia europa 2020. Fichas técnicas sobre a União Europeia. Disponível em: http://www.europarl.europa.eu/ftu/pdf/pt/FTU_4.1.pdf (acesso em 13 de Fevereiro de 2013)

Vieira, A., Cunha, L. (2006). Património geomorfológico – de conceito a projecto. O Maciço de Sicó, *Publicações da Associação Portuguesa de Geomorfólogos, Vol. 3, APGeom*, 147-153



Wolsink, M. (2010). Near-Shore wind power – Protected seascapes, environmentalist’s attitudes, and the technocratic planning perspective. *Land use Policy*, 27 (2010), 195-203

Zoellner, J., Schweizer-Ries, P., & Wemheuer, C. (2008). Public acceptance of renewable energies: Results from case studies in Germany. *Energy Policy*, 36 (11), 4136-4141